



## **A eleição paulistana de 2008 na Folha de S. Paulo e no Estado de S. Paulo**<sup>1</sup>

Ivana BELTRÃO<sup>2</sup>

Marcus FIGUEIREDO<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Instituto Universitário de Pesquisas do Rio Janeiro, RJ

### **Resumo**

Este trabalho analisa a cobertura da eleição municipal da cidade de São Paulo, em 2008, nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. É feita uma busca das principais características da cobertura deste momento político tão expressivo para a capital paulista em dois veículos com grande circulação nacional, apontando os pontos comuns e as divergências no tratamento deram a disputa pela prefeitura. Seguindo a metodologia desenvolvida pelo Doxa/Iuperj, são analisadas as partes informativa e opinativa dos jornais, separadamente, com o objetivo de avaliar se a cobertura se mantém de acordo com a tendência editorial.

### **Palavras-chave**

Imprensa; cobertura eleitoral; política.

### **Introdução**

Durante as eleições, a agenda política dos jornais se volta, cada vez mais, para a disputa entre as candidaturas. Com a eleição municipal de São Paulo não poderia ser diferente: o volume da cobertura eleitoral nos jornais aumentou de 2004 a 2008, segundo o acompanhamento feito pelo Doxa (Laboratório de pesquisa em comunicação política e opinião pública) do Iuperj. A capital paulista, maior colégio eleitoral do país, com 7.811.213 eleitores<sup>4</sup>, teve uma disputa acirrada em 2008 entre os partidos com maior relevância nacional, como o Partido dos Trabalhadores (PT), do governo federal, e o Partido da Social Democracia Brasileira, líder da oposição no âmbito federal.

Entre os onze candidatos à prefeitura de São Paulo, ganharam grande destaque nos jornais Marta Suplicy (PT), Geraldo Alckmin (PSDB), e Gilberto Kassab (Democratas). Também tiveram espaço Sonia Francine (PPS), Paulo Maluf (PP) e Ivan Valente (PSOL), que foi o primeiro a oficializar a candidatura. Além desses, com reduzida intenção de voto e visibilidade nos jornais estavam os candidatos de “partidos nanicos”.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio, estágio IC no Doxa/Iuperj. email: [ivana\\_rojas@hotmail.com](mailto:ivana_rojas@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Iuperj, coordenador do DOXA/Iuperj. email: [mfigueiredo@iuperj.br](mailto:mfigueiredo@iuperj.br)

<sup>4</sup> Fonte [http://www.tse.gov.br/downloads/referendo2005/noticias/notas/ago2005/agosto\\_03.html](http://www.tse.gov.br/downloads/referendo2005/noticias/notas/ago2005/agosto_03.html)



Eram eles, Anáí Caproni (PCO), Ciro Moura (PTC), Levy Fidelix (PRTB), Renato Reichman (PMN), e Edmilsom Costa (PCB).

Kassab disputou sendo o candidato da situação. Ele havia sido vice de José Serra (PSDB) nas eleições de 2004, quando venceram Marta Suplicy, numa aliança PSDB/DEM. Depois disso, O Democrata assumiu a prefeitura em 2006, quando Serra deixou o cargo para candidatar-se e eleger-se governador do estado. Por conta disso, a gestão de Kassab na prefeitura teve forte presença de membros do PSDB paulistano.

Contudo, apesar da aliança entre DEM e PSDB e da intenção de Kassab de disputar a reeleição, Geraldo Alckmin forçou o lançamento de sua candidatura pelo PSDB. Tal decisão gerou uma divisão dentro dos tucanos. De um lado, os “alckmistas”, defensores da candidatura própria, e de outro, os “kassabistas”, que defendiam a manutenção da aliança DEM/PSDB com Kassab no comando do poder municipal.

Alckmin vinha derrotado de uma disputa que reelegeu Lula (PT), presidente do país. Sem cargo e querendo voltar à vida política, ele foi eleito candidato nas prévias do PSDB. Porém, isso não garantiu a união em torno da sua candidatura durante a eleição, como afirmava Sérgio Guerra, presidente do PSDB

Mesmo depois da oficialização das candidaturas, o racha do PSDB continuou e fez parte da agenda das eleições e da imprensa, principalmente com notícias que mostravam subprefeitos tucanos dando apoio a reeleição de Kassab e colunas e artigos afirmavam que Serra apoiava o democrata em detrimento do candidato do seu partido. Nesse cenário se desenrolou a eleição da capital paulista, que contava ainda com a liderança de Marta em todas as pesquisas de intenção de voto durante o primeiro turno.

Foi Kassab, contudo, que vinha de uma curva crescente nas pesquisas desde junho, quem chegou em primeiro lugar no primeiro turno, deixando Marta Suplicy em segundo lugar e Alckmin fora da disputa no 2º turno.

Tais eventos eleitorais tiveram grande visibilidade nas páginas dos jornais paulistanos. A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo mostrar o tamanho e a natureza da cobertura dos jornais em relação a esses eventos político-eleitorais.

### **Jornalismo e Política**

Muito se debate a questão da imparcialidade e apartidarismo da mídia. Inclusive, durante as eleições, blogs como “Observatório da Imprensa” e “Cidadania.com” chegaram a publicar acusações contra a cobertura feita pelos jornais. No blog



Cidadania.com, Eduardo Guimarães disse (22 de agosto, 2008) que a “mídia paulista (leia-se Folha e Estadão) está sendo anti-petista”.

Acusações contra a imprensa durante eleições são comuns, e a mídia por sua vez, se defende mostrando as ferramentas necessárias para manter o jornalismo imparcial e objetivo. Segundo Gaye Tuchman(1999), o jornalismo recorre a certas rotinas em busca da credibilidade frente ao leitor. A primeira delas é a organização da matéria de forma a deixar o mais importante no começo (*lead*) da matéria e o menos relevante no final, deixando o corpo do texto objetivo. As notícias também devem mostrar dois ou mais lados de uma mesma questão, dessa forma é o leitor que decide em qual versão confiar. Há ainda o uso das aspas, a apresentação de provas e a fala de especialista, que garante a credibilidade e a imparcialidade do veículo.

### **A pesquisa**

Para observar a cobertura das eleições em jornais impressos, o Doxa/Iuperj desenvolveu uma metodologia de coleta de dados que permite inventariar e classificar qualitativamente e quantitativamente o conteúdo das matérias relacionado às eleições majoritárias veiculadas pelos jornais.

Ao investigar o material jornalístico publicado na Folha e no OESP relacionado à eleição municipal de São Paulo em 2008, o artigo tem o objetivo de mostrar qual o tamanho da visibilidade desses candidatos nas páginas dos jornais, qual a valência das matérias produzidas por esses veículos sobre a eleição e como essas empresas jornalísticas se posicionaram politicamente na parte de opinião de seus periódicos.

### **O artigo**

Na primeira parte do trabalho, é apresentada a visibilidade e valência total dos três principais candidatos na Folha e no OESP, dentro de uma divisão temporal que acompanha a agenda das eleições. O primeiro grande recorte feito do período vai de 1º de março a 5 de julho, é chamado de “Pré Campanha”. Este bloco de tempo é grande, porém ele abarca fatos importantes como definição de candidato, convenções dos partidos e a formação de alianças.

No momento seguinte, os candidatos já estão definidos e a campanha pode ir às ruas a partir do dia 6 de julho. A fase “Campanha” vai de 7 de julho a 17 de agosto. No dia seguinte começa a ser veiculado o Horário Eleitoral Gratuito de Propaganda (HGPE).



Neste momento a campanha ganha ainda mais destaque nos jornais e vai de 18 de agosto a 5 de outubro, dia da eleição do primeiro turno.

Por último, o período que vai de 6 de outubro a 26 de outubro é o “Segundo Turno”. Esta fase representa o segundo turno da eleição municipal, que teve como competidores Marta Suplicy e Kassab. Quando a eleição fica polarizada em apenas dois candidatos, veremos que a cobertura apresenta uma tendência a cobrir positivamente uma candidatura em detrimento da outra.

A segunda parte do trabalho também apresenta a valência e visibilidade dos três principais candidatos, porém, é feita uma divisão entre as matérias informativas e opinativas dos jornais. A intenção é mostrar se a opinião do jornal influencia ou não, a cobertura eleitoral.

As matérias de informação são as reportagens, as chamadas, de primeira página ou não, frases de candidatos, e fotos ou infográficos. Já as matérias de opinião são as colunas, notas de coluna, artigos, editoriais e charges.

É importante lembrar que as observações feitas neste trabalho são preliminares. Com esta iniciativa, espero contribuir para a avaliação do comportamento da mídia, considerada como uma importante mediadora entre candidatos e eleitores. (Aldé, 2002)

## **Metodologia**

Como já foi dito, os dados utilizados neste trabalho foram coletados através da metodologia criada no Doxa, e aplicada pelo laboratório em eleições desde o ano 2000. Os dados coletados permitem qualificar, quantificar e comparar tudo o que é publicado com citação do nome dos candidatos, excluindo-se os anúncios. Cada notícia, imagem, artigo, ou editorial, etc., é classificada de acordo com a data em que foi veiculada, caderno, veículo, autor, página, posicionamento na página, formato<sup>5</sup>, título, tema específico e tema aberto, número de vezes que o candidato<sup>6</sup> é citado<sup>7</sup> e resumo. No caso de foto, infográfico ou charge o resumo é a legenda da arte.

Os temas são a base da agenda da cobertura de uma eleição. No pleito de 2008 os temas se dividiram em cinco grandes áreas: “Administração Pública e Conflito Entre

---

<sup>5</sup> São utilizados nove formatos: reportagem; artigo assinado; editorial; coluna assinada; charge, foto ou infográfico; chamada; chamada de primeira página; nota de coluna, frase e artigo.

<sup>6</sup> Se o candidato é da situação, se separa a valência e visibilidade em, por exemplo, Kassab prefeito e Kassab candidato. Isso permite avaliar as matérias separadamente, já que o candidato da situação tem cobertura mais ampla.

<sup>7</sup> Não são incluídas referências como prefeito, governador, presidente, etc., já que esse tratamento é dado a qualquer candidato que está no cargo. Apelidos como “Martaxa” são contabilizados, já que eles geralmente são usados por outros candidatos, ou pelo próprio jornal, expressando um posicionamento político.



Poderes”, “Temas Substantivos”, “Jogo Político”, “Vida Intrapartidária e Perfis de Candidatos” e “Outros Temas”.

As matérias são divididas em quatro enquadramentos: “Corrida de cavalos” (o foco é a competição entre candidatos), “Personalista” (a trajetória pessoal do candidato é determinante), “Temático” (quando o tema é tratado de maneira substantiva) e “Episódico” (quando a matéria se dedica ao fato isoladamente). Todas as matérias são classificadas como sendo positiva, negativa, neutra ou equilibrada. Essa valência tem a intenção de esclarecer se a matéria beneficia ou prejudica o candidato, independente do viés do jornalista ou do veículo.

A valência é *positiva* quando a matéria contém declarações do candidato; reproduz o seu programa de governo, promessas, ou ataques aos outros candidatos; quando a matéria tem uma avaliação positiva de ordem moral, política ou pessoal ao candidato; quando reproduz resultados de pesquisas ou comentários favoráveis ao candidato.

A matéria é considerada *negativa* quando ela reproduz ataques sem direito a resposta do candidato, contendo avaliações de ordem moral, política ou pessoal; quando tem comentários desfavoráveis; pesquisas de opinião.

Para ser considerada *neutra*, a matéria deve estar isenta de avaliação moral, pessoal ou política do candidato, um exemplo disso é a agenda do candidato. Para ser *equilibrada*, a matéria deve apresentar pontos positivos e negativos do mesmo evento, sem que uma característica seja predominante sobre a outra.

### **Visibilidade dos candidatos**

A visibilidade dos candidatos nos jornais, desde as eleições de 2004, aumentou significativamente, o que mostra aumento do volume da cobertura. Em 2004, a Folha de S. Paulo teve 8.552 citações, e o Estado de S. Paulo, 8.398.

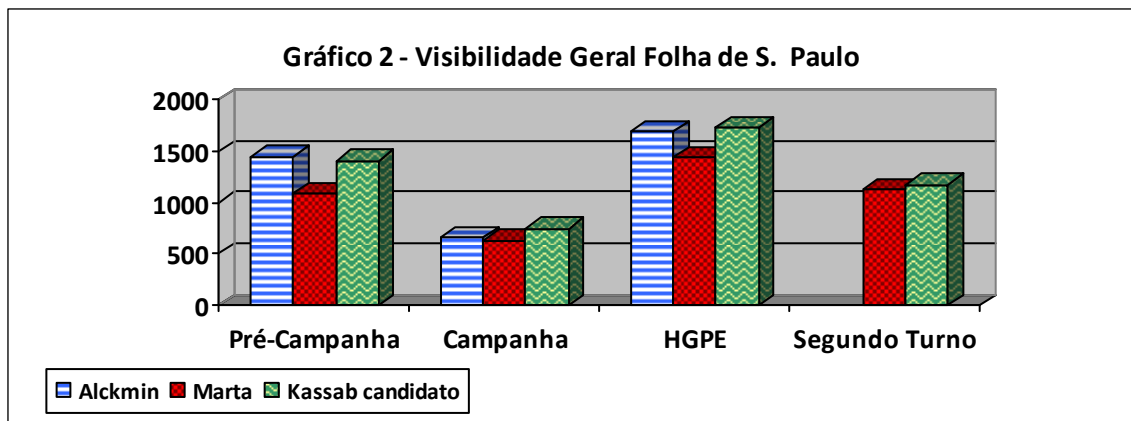
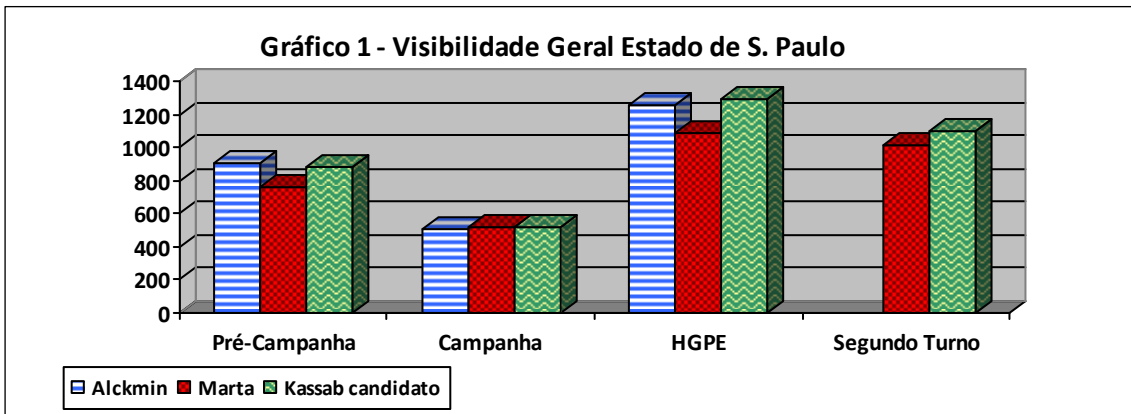
Na cobertura das eleições de 2008, ao Estado de S. Paulo citou 11.301 vezes o nome dos candidatos a Folha mencionou 15.202, uma diferença de 3.901 citações. Quando comparamos os dois veículos em número de matérias, imagens, frases, e chamadas, a diferença passa para 620, onde o “Estadão” tem 2.740 matérias e, a Folha 3.360. Isso significa dizer que a folha deu mais espaço total para a disputa eleitoral.

Passamos para a visibilidade de cada candidato, Kassab candidato teve até o primeiro turno 2.696 citações, seguido por Alckmin, 2.665, e Marta, 2.374, no OESP. No segundo turno, Marta e Kassab tiveram, respectivamente, 1.098 e 1.013.

Na Folha os números são maiores. Kassab teve 3.888 citações, Alckmin 3.807 e Marta, 3.158. No segundo turno Kassab foi citado 1178 vezes, e a petista, 1126.

Quando observamos os períodos “Pré-Campanha”, “Campanha”, “HGPE” e “Segundo Turno”, vemos que Marta se mantém sempre com menos citações do que Alckmin e Kassab candidato, com exceção ao segundo turno, quando a disputa fica polarizada em dois candidatos.

Apesar da diferença no volume, podemos ver nos gráficos 1 e 2 que os dois jornais fizeram uma cobertura semelhante.



### **Informação e Opinião na Pré-Campanha: Alckmin X Kassab**

A definição dos candidatos que concorreriam à prefeitura foi o grande tema da “Pré-Campanha”, no início do ano. Por um lado, o DEM pedia a candidatura de Gilberto Kassab, e por outro lado, Alckmin tentava convencer o PSDB que seria vitorioso caso fosse candidato. O argumento era que, se ele está em primeiro lugar junto com Marta, nas pesquisas, por que não lançar a candidatura para apoiar o terceiro colocado?

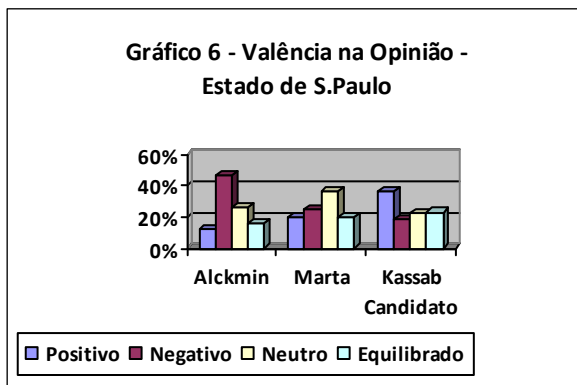
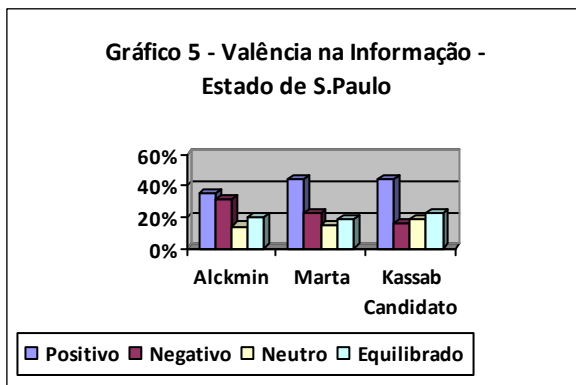
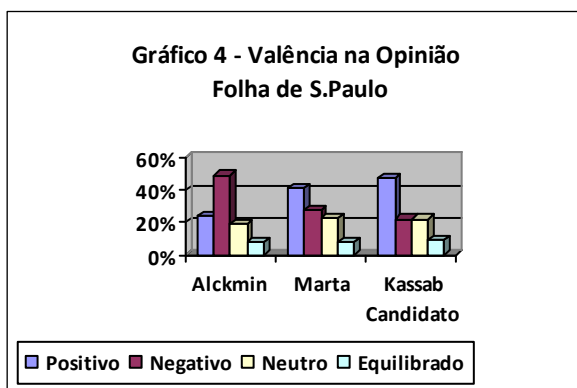
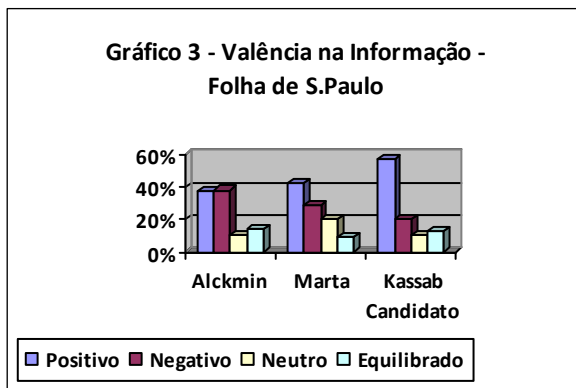
O fato foi explorado pelos jornais, principalmente quando um tucano declarava que optaria por Kassab. A colunista política, Dora Kramer, do OESP, disse no dia 6 de março que “nem mesmo a preferência de José Serra por Kassab desmotiva o tucano”.

Todo esse apoio em favor do democrata fez o PSDB tomar uma atitude: quem declarar voto em Kassab será punido. Além dessa medida, o partido fez prévias que terminaram por confirmar o apoio de mais da metade do partido a Alckmin.

Geraldo ainda estava envolvido com denúncias relativas à privatização da Eletropaulo, que acontecera durante a sua gestão como governador do estado. De acordo com documentos enviados ao Ministério da Justiça pelo Ministério Público da Suíça, no período de 1998 a 2001, pelo menos 34 milhões de francos franceses da empresa Alstom teriam sido pagos em propinas a autoridades do Governo do Estado de São Paulo e a políticos paulistas. Nesse período o PSDB foi o 'partido no Poder' no Estado de São Paulo, passando pelos governos de Mário Covas e Geraldo Alckmin.

A CPI da Eletropaulo na Alesp (Assembléia Legislativa de São Paulo) chegou a investigar a Alston. Entretanto, no dia 30 de junho a comissão foi arquivada e no relatório final a empresa francesa nem chegou a ser citada.

Mesmo com a repercussão internacional que teve o caso, a Folha e o “Estadão” deram pouco espaço para as investigações. Estando diretamente envolvido nas denúncias, Alckmin teve o seu nome pouco ligado ao caso no período “pré-campanha”. No OESP, o tucano foi citado uma vez na parte informativa e uma vez na parte opinativa do jornal: “Kassabistas tucanos andam fazendo humor negro com a frase "choque de Gestão em SP" do pré-candidato Alckmin. É que, no caso Alstom, as



### 1 Período de "Pré-Campanha"



denúncias estão no setor elétrico”, na coluna de Sonia Racy.

Na Folha seu nome foi citado 21 vezes na informação, duas vezes na coluna de Renata LoPrete, e uma no editorial, do dia 6 de julho, “Fatos e suspeitas”. No editorial a Folha diz que “revelações em torno do caso Alstom exigem investigação rigorosa, que o PSDB bloqueia com arrogância e impavidez”. Isso provocou uma tendência negativa para Alckmin na parte informativa, juntamente com o racha do seu partido. Quanto a parte de opinião, o caso Alstom foi ignorado pelo OESP, e Alckmin teve maior valência negativa devido a sua “teimosia” em querer ser candidato.

Ao contrário do tucano, Marta e Kassab tiveram cobertura predominantemente positiva quando se trata da informação dos jornais. Isso se deve, no caso de Marta, ao seu trabalho como ministra do Turismo (graças a Copa do Mundo de 2014), as 15 visitas oficiais que fez a São Paulo (que lhe renderam muitas fotos em eventos), ao seu desempenho nas pesquisas, e ao apoio que o presidente Lula deu.

No caso do democrata, a sua vantagem positiva na informação, se dá devido ao espaço que os jornais dedicaram ao racha no PSDB, que o favorecia quando tucanos declaravam apoio a ele. Outro tema que foi positivo para Kassab foi o das alianças. Entre os dias 22 e 27 de abril, a sua valência chegou a ser totalmente positiva, graças à aliança com o PMDB, muito disputada pelo PT. Frases como estas repercutiram: "A bancada do PMDB dá sustentação ao governador (José Serra) na Assembléia. E o candidato do governador é mesmo o Kassab", declarou Uebe Rezeck, líder da bancada do PMDB na Assembléia Legislativa.

Na parte opinativa dos dois jornais, a disputa entre Kassab e Alckmin e o rompimento da aliança entre PSDB e DEM, serviu de vantagem para Marta, o que garantiu pontos positivos para a petista. Quanto a Kassab, os colunistas e articulistas, principalmente do OESP, não criticaram a sua candidatura como a de Alckmin. O tucano foi visto pelos colunistas como a “pedra no sapato de Serra”, já que nas eleições de 2010, Serra precisaria da aliança com o DEM.

### **Campanha: Lista Suja, Datafolha. Marta X Kassab**

O caso Alstom voltou às páginas do OESP e Folha durante a “Campanha”, porém de forma mais discreta. Novas denúncias indicavam que a empresa Siemens teria feito acordos com o governo de São Paulo em consórcio com a Alstom. A gestão de Alckmin estava mais uma vez envolvida nas acusações, mas o ex-governador foi citado dentro do





caso sete vezes, somando a visibilidade dos dois jornais. Mas a campanha de Alckmin avançou no período.

Pesquisas do Datafolha mostravam que ele era visto como simpático pela população, e no começo do período indicavam que no segundo turno venceria de Marta e de Kassab. O tucano ainda fez campanha em redutos petistas, foi bem recebido nas ruas e as fotos da Folha e OESP mostravam a boa fase. Serra chegou aos jornais dizendo que seu candidato era Alckmin. Além disso, evitou encontros com o prefeito para não dar espaço para especulações.

Enquanto isso Marta cresce na intenção de voto, e nas últimas pesquisas do período chega a ganhar de Alckmin numa simulação de segundo turno, isso lhe confere boa valência nos dois jornais. Já Kassab, continuava em terceiro nas pesquisas, empatado com Paulo Maluf. Os eleitores o viam como antipático, e amigo dos ricos. Os tucanos kassabistas começaram a debandar e somente quatro resistiam a Alckmin<sup>8</sup>. Kassab chegou a pedir que seu secretário de Infra-Estrutura, Marcelo Branco, inaugurasse mais escolas. Apesar de a Justiça Eleitoral proibir a sua participação na inauguração, ele poderia fazer vistorias. Para contribuir ainda mais com o começo de campanha atribulado, usou a prefeitura para tentar influir no resultado da pesquisa Datafolha<sup>9</sup>.

Kassab também ampliou a duração do bilhete único em mais uma hora. Isso foi criticado pelos demais candidatos e, em parte, pela Folha<sup>10</sup> como sendo uma medida eleitoreira a três meses da eleição enquanto a opinião do OESP não citou o tema.

E por último, Kassab usou a lista de candidatos com a “ficha suja” da Associação dos Magistrados do Brasil (AMB) para atacar Marta. Entretanto, três dias após a divulgação da primeira lista, a segunda versão inclui o prefeito. O que antes era um trunfo contra a petista se voltou contra ele, já que havia no seu site um link direto para a lista. Além disso, distribui panfletos intitulados de “Sujou!”, apontando Marta e Maluf na lista, e num primeiro momento chegou a negar que seria o autor, e dias depois se desmentiu.

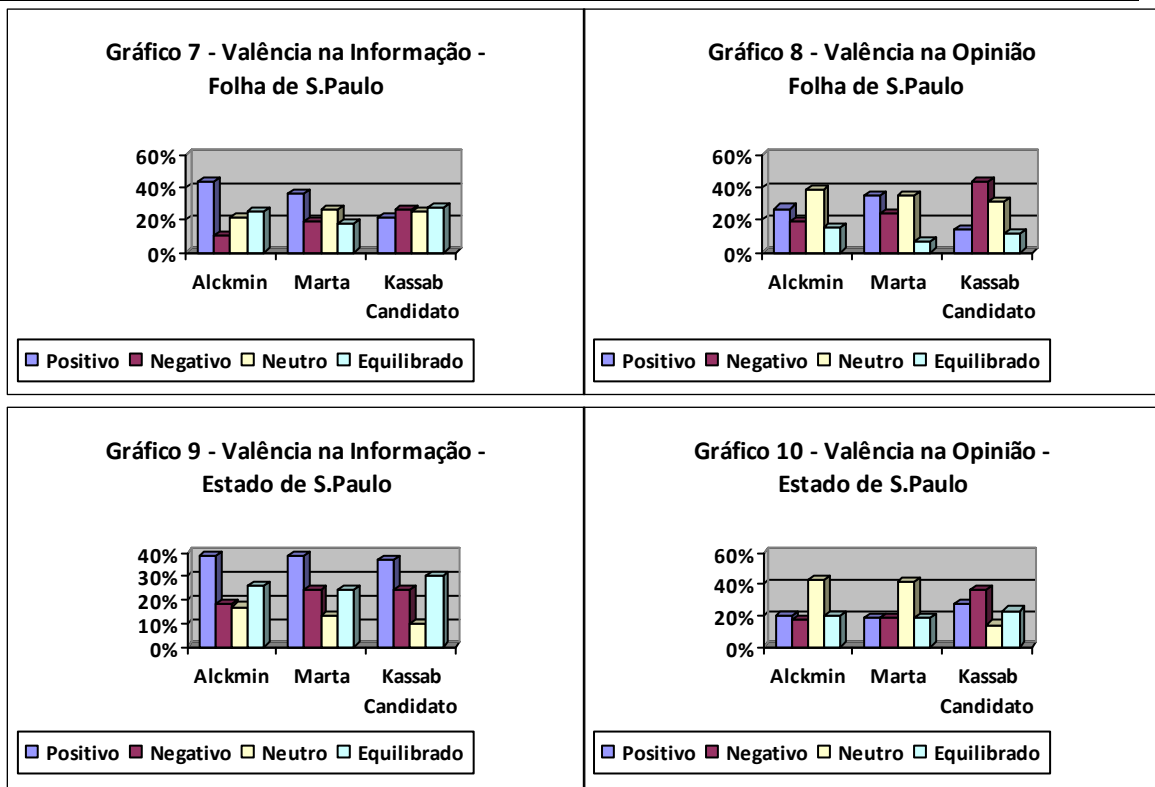
A Folha e OESP deram espaço para esses temas. Entretanto uma diferença na cobertura chama a atenção: Kassab mantém a valência positiva, equiparando-se com os demais candidatos no OESP, enquanto na Folha sua valência positiva é a menor de todas na parte informativa, mas na parte opinativa a tendência negativa se mantém.

---

<sup>8</sup> “Alckmin atrai vereadores tucanos e mina Kassab”, título de reportagem do OESP do dia 25 de julho.

<sup>9</sup> “Kassab usa prefeitura para tentar influir no Datafolha”, na Folha, reportagem do dia 27 de julho.

<sup>10</sup> “Prêmio ao imobilismo”, na Folha, editorial do dia 19 de julho. “Kassab estende bilhete único a 3 meses da eleição”



No Estadão, a valência positiva na informação foi de 37%. O jornal deu mais espaço para a tática do prefeito de atacar Marta para deixar Alckmin de fora do debate. Tanto que no tema “ataque”, Kassab não recebe nenhum ponto negativo, apenas positivo ou equilibrado, enquanto Marta tem 80% de matérias negativas.

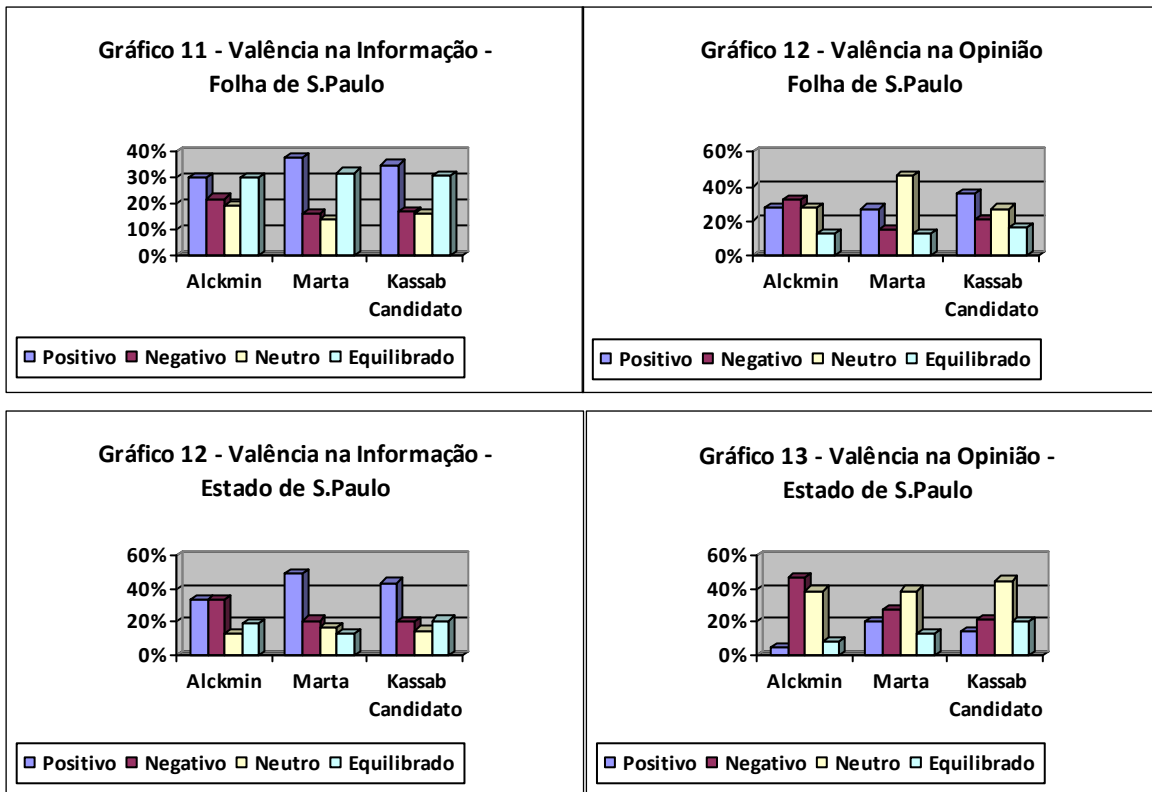
Considerando apenas as matérias equilibradas de Kassab, vemos uma semelhança entre Folha e OESP. A Folha deu espaço para Kassab rebater as críticas, e isso se reflete na sua cobertura equilibrada.

Já o Estadão, preferiu não dar tanto espaço para os ataques a Kassab, mostrando mais intensamente a sua agenda de candidato, com fotos de campanha, propostas e matérias sobre o apoio de tucanos.

**HGPE: Kassab sobe, Marta estaciona, Alckmin desce.**

Kassab começou a campanha afirmando que com o início do HGPE sua intenção de voto ia melhorar, e foi isso que aconteceu. Kassab vem de uma curva ascende e passa o segundo colocado, Alckmin, e num segundo turno com Marta eles empatam. Essa guinada na sua campanha é também acompanhada pela Folha, e ele foi de uma valência 40% negativa, para 16%. O OESP não mudou muito, e continuou dando mais matérias equilibradas a Kassab do que aos outros candidatos.

A valência positiva de Kassab se dá, especialmente pelo seu desempenho nas pesquisas de opinião que garantiram muitas manchetes, tanto na Folha como no OESP.



Outro tema que contribuiu para manter Kassab positivo foram os apoios que começou a receber novamente dos tucanos.

Isso provocou a volta de medidas do PSDB para punir tucanos<sup>11</sup> “desleais”. Por exemplo, vereadores teriam que declarar o voto em Alckmin no HGPE, caso contrário não teriam tempo no programa. Isso conferiu a Alckmin valência negativa, juntamente com a troca do marqueteiro Edson Aparecido, que não atacava os adversários e “não conhecia a alma tucana ou o programa de governo”.

O tucano chegou a dizer que Kassab havia armado um golpe para ser o vice de José Serra, em 2004. Ele foi desmentido por Serra<sup>12</sup> através da sua assessoria e ainda afirmou “que não houve golpe na indicação e elogiou Kassab por seguir à risca seu programa de governo”. A Folha ainda fez um infográfico, no mesmo dia em que a defesa de Serra foi publicada, mostrando todos os ataques feitos por Alckmin a Kassab, e a resposta de Kassab a cada um deles. Frases de tucanos repreendendo Alckmin estavam tanto na Folha, como no Estadão, que foram ainda mais críticos na opinião.

Alckmin foi apontado por “perder a compostura” na campanha ao atacar os candidatos, especialmente Kassab. Segundo o Estadão, o ex-governador não poderia fazer isso porque o governo de Kassab “seguia à risca o plano de Serra para São Paulo”.

<sup>11</sup> “Alckmistas pedem expulsão de aliados de Kassab”, No Estado de S. Paulo. Reportagem do dia 10 de setembro.

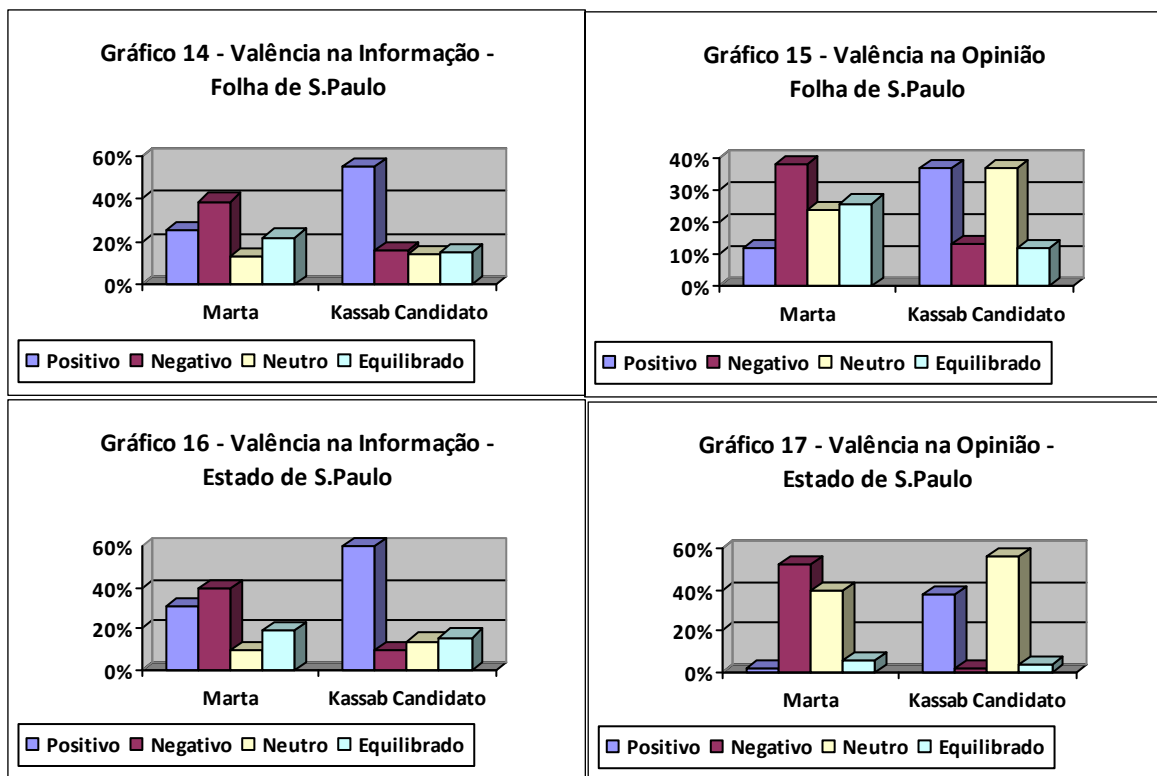
<sup>12</sup> “Serra reage a ataque de Alckmin e defende Kassab”, Na folha de S. Paulo. Reportagem do dia 20 de setembro.

A petista não se envolve na briga de Alckmin e Kassab e isso a mantém com uma valência positiva nesse ponto, e apesar de ser atacada pelos dois ela consegue espaço para dar resposta aos ataques.

A sua ligeira queda na intenção de voto fez Lula participar de uma carreta em carro aberto, mas as pesquisas de opinião não refletiram o fato favoravelmente, segundo a coluna<sup>13</sup> de Sonia Racy. Por sua vez, a atual ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff gravou apoio para Marta no HGPE, e isso deu mais espaço positivo para ela nos jornais.

### Segundo turno: Marta X HGPE

Kassab chegou à frente de Marta ao segundo turno. Mesmo tendo uma diferença de votos pequena (0,8 % dos votos), o seu eleitorado era mais diversificado e abarcou áreas que antes eram consideradas redutos petistas. Marta acabou sendo isolada nas zonas “mais pobres e menos escolarizadas” de São Paulo. Fato esse muito divulgado pelo Estadão, mesmo antes do resultado das urnas. Um exemplo é a manchete do dia 5, com “Marta e Kassab decidem segundo turno, diz Ibope”. No dia 6, o Estadão teve um caderno especial sobre as principais disputas nas capitais.



No dia seguinte, o editorial “A autonomia do eleitor” declara apoio a Kassab, dizendo que a tentativa de nacionalizar a campanha de Marta não deu funcionou. No dia

<sup>13</sup> “Sorte teflon”, no Estado de S. Paulo. Nota de coluna de Sonia Racy, dia 16 de setembro.



9 de outubro mais um editorial declara apoio a Kassab, desta vez dizendo que com a volta da chapa Serra-Kassab, vencedora em 2004, Marta terá muito trabalho pela frente.

Na Folha a situação é similar na parte informativa, “Marta e Kassab vão disputar segundo turno”, manchete do dia 5 de outubro, destaque para vitória de Kassab. Na parte opinativa, a Folha não mostrou a sua preferência ao leitor como fez o OESP. Mas assim como o outro jornal paulista, também fez um caderno especial sobre as eleições, com as disputas nas capitais. Nos cadernos especiais da Folha e Estadão se repete a fórmula do primeiro turno: entrevista e perfil dos candidatos.

Ambos seguiam com cobertura similar, dando espaço para reportagens sobre as novas alianças do segundo turno, campanha, e pesquisa eleitoral. O mesmo tratamento foi dado também ao HGPE, que voltou a ser exibido no dia 13 de outubro. As manchetes nos dois jornais era sobre o questionamento que Marta fazia a vida privada de Kassab, com perguntas como “é casado?” e “têm filhos?”.

Marta foi sabatinada pela Folha no dia seguinte. A principal pergunta foi sobre a sua campanha e sobre as possíveis intenções das perguntas pessoais: “Questionada se não considerava que houve insinuação de homossexualismo na propaganda, respondeu que não, e devolveu: “Por quê? Você acha?” (...) “Acho que estão interpretando além da conta”, afirmou, justificando a propaganda: “É um direito, é o mínimo que a gente tem de saber”. (...) “Vocês perguntam até o que a pessoa come, aí não pode fazer pergunta se é casado?”<sup>14</sup>

De fato a Folha publicou um perfil de duas páginas para os três principais candidatos, com questionário no topo da página sobre comida preferida, time, sobre relacionamento. O Estadão fez a mesma coisa no primeiro turno, e chegou a dedicar dois parágrafos para narrar o divórcio e o segundo casamento de Marta com um empresário franco-argentino.

No dia 14 de outubro foi a vez de Marta ser sabatinada no OESP. Novamente se questiona a propaganda, e se menciona até mesmo a sua separação. O Estadão explorou o tema até o dia 20 de outubro e a Folha até o dia 19, mesmo dia em que o *ombudsman* disse que a cobertura estava sendo desigual ao priorizar matérias negativas de Marta: “se a Folha acha irrelevante a vida íntima do candidato, por que deu tanta importância à propaganda de Marta contra Kassab?”<sup>15</sup>, escreveu.

---

<sup>14</sup> “Marta diz que ignorava, mas aprova anúncio contra Kassab”, na Folha de S. Paulo. Reportagem do dia 14 de outubro, 2008.

<sup>15</sup> “Faça o que digo, não o que faço”, Na Folha de S. Paulo, dia 19 de outubro, 2008.



Do dia 20 até o dia 26 de outubro, dia das eleições, a petista foi bastante criticada nas colunas da Folha e do OESP. Mas a parte informativa se manteve mais neutra e com uma cobertura mais equilibrada. Marta teve valência negativa especialmente por estar atrás de Kassab nas pesquisas.

Kassab por sua vez teve reportagens negativas quando foi ligado às manifestações da Polícia Civil de São Paulo, que pedia reajuste de salário. Serra chegou a declarar que os protestos teriam sido insuflados pelo Paulo da Força Sindical, para ajudar a Marta.

Por fim, no dia 18 de outubro a primeira página tinha a seguinte chamada: “Um flagrante do uso da máquina”, e a reportagem mostrava foto de panfletos de campanha de Kassab que estavam sendo distribuídos em um clube-escola da prefeitura, o que é proibido pelo TSE. Porém, no mesmo dia a principal manchete das eleições é sobre a nova pesquisa do Datafolha: “Pesquisa dá 16 pontos de vantagem a Kassab”. A parte opinativa do jornal não comentou o assunto. E a Folha sequer deu a notícia nas suas páginas.

## **Conclusão**

Marta foi até o fim do primeiro turno com uma cobertura relativamente favorável. No entanto, durante o segundo turno sua campanha foi duramente atacada. Segundo a imprensa, Marta teria “posto à dúvida” a sexualidade de Kassab ao perguntar ao eleitor se ele realmente conhece o seu prefeito. Perguntas como “é casado?” e “tem filhos?” geraram uma reação imediata da mídia. É possível atacar quem questiona a vida íntima de um político?

Se for possível, devemos primeiro apontar para a Folha e o Estado de S. Paulo, que ainda no primeiro turno publicaram cadernos especiais com detalhes íntimos de Alckmin, Marta e Kassab. Os cadernos, inclusive, mostravam o estado civil dos candidatos. A Folha chegou a publicar a matéria “Cozinha italiana une adversários em SP”, contando os pratos preferidos e um roteiro dos restaurantes mais frequentados pelos competidores. Não se trata aqui de defender a ex-prefeita, mas de mostrar os dois lados: Marta pergunta ao eleitor se conhece Kassab, se é casado ou tem filhos e os jornais paulistas o apresentam como solteiro e sem filhos. Sem contar ainda com a ligação feita entre o questionamento e a sexualidade de Kassab, primeiro pelos leitores que participaram da Sabatina da Folha do dia 14 de outubro, depois pelos colunistas dos jornais.



Um dado que a comparação entre opinião e informação nos dois jornais oferece é a semelhança de opinião e cobertura informativa dos jornais. O Estadão tem a “fama” de ser conservador, e a Folha de ser mais “plural”, e isso pode ser observado em outras pesquisas feitas com dados do Doxa/Iuperj de eleições desde 2002. O que explicaria essa semelhança tanto em visibilidade, quanto em valência?

Não podemos esquecer que o Estadão colocou a sua preferência por Kassab em editoriais, o espaço destinado para esse fim no seu manual de redação. Já a Folha, não. Por exemplo, no período “Pré Campanha” da Folha, e “HGPE” do Estadão, Alckmin tem valência negativa na cobertura informativa, mesmo estando no primeiro ou segundo lugar nas pesquisas.

Tanto no manual de redação do OESP, como no da Folha se encontram dicas de como se faz um “bom jornalismo”. Entre elas está a imparcialidade, que não se encontra ao analisar todo o volume da cobertura eleitoral, já que para ser plural e imparcial, as matérias deveriam ser, em sua maioria, “equilibradas”.

### **Referências bibliográficas**

ALDÉ, Alessandra. **As eleições presidenciais de 2002 nos jornais**. Alceu Revista de Comunicação Cultural e Política, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2003.

FIGUEIREDO, Marcus et al. Tomando Partido: imprensa e eleições presidenciais em 2006. In: XVI Encontro Anual da COMPÓS, 2007, Curitiba. Anais da XVI Compós. v.1, 2007.

LIMA, Venício A. **O Enredo Eleitoral: televisão e poder**. A hipótese do cenário de representação política. Revista Comunicação & Política, Vol. 1, No. 1, 1994,

PORTO, Mauro P. **Enquadramentos de mídia e política**. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas. (Org.). Comunicação e política: conceitos e abordagens. Salvador, 2004. Citado por Pedro Herculano, Alessandra Aldé e Verônica Toste. In: O diário popular e o "intelectual": A cobertura jornalística das eleições municipais de 2004 no Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, Eduardo. **Se a marta ganhar, o PIG se mata**. 26 de junho, 2008. Disponível em: <[http://edu.guim.blog.uol.com.br/arch2008-06-22\\_2008-06-28.html](http://edu.guim.blog.uol.com.br/arch2008-06-22_2008-06-28.html)> Acesso em: 20 de maio, 2009.